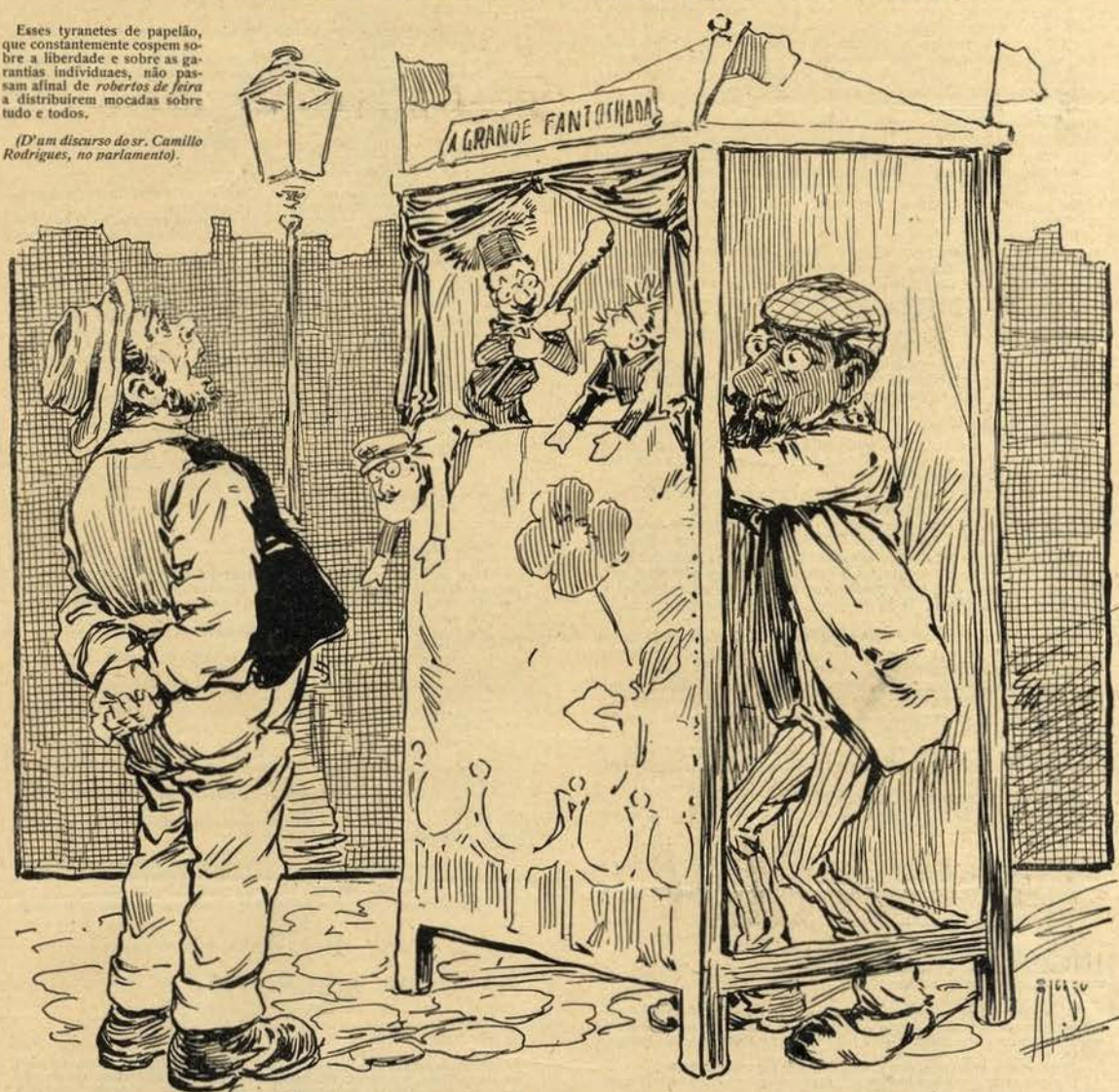




## OS "ROBERTOS" DO "BOMEM DA BOLA"

Esses tyranetes de papelão, que constantemente cospem sobre a liberdade e sobre as garantias individuais, não passam afinal de robertos de feira a distribuírem mocadas sobre tudo e todos.

*(D'um discurso do sr. Camillo Rodrigues, no parlamento).*



**Zé: Afinal, um só é que faz mecher tudo aquilo!... e eu a tomal-os a serio!!!**

## QUEM SE ATREVE?

Quem hesita?

Quem duvida?

Quem se atreve ainda a refilar?

Quem ousa contestar que o nosso grande Affonso é o maior estadista do universo?

Pois se ha alguém que se atreva a tanto, que appareça, porque tem que se haver connosco. Decididamente Elle (sempre com E grande porque é assim que o nosso presado amigo Daniel gosta) é o nosso homem, salvo seja e sem offensa para o sr. Brito Camacho.

Tem errado? Terá, mas que tem os senhores com isso?

Ora mettam-se com a sua vida e deixem os bons, os sinceros, os leaes, os dedicados patriotas salvar a Patria.

Depois d'Elle, só o Outro (tambem com O grande por causa do nosso particular amigo e illustre secretario do sr. governador civil). Elle e o Outro — eis o eixo. O grande eixo em volta do qual gira a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade, a Ordem, a Paz, o Progresso, a Saude, o Amor!

O paiz está satisfetissimo e tudo o mais são tretas reaccionarias, inventadas por traidores e *jasnitas* cheios d'inveja.

Pois não vêem como elle grama tudo? Pois quem grama assim é porque gosta de grammar, e se gosta é tolo quem pretende desvial-o d'esse delicioso delecte.

Realmente é preciso ser muito exigente ou muito retrogrado para não estar contente com esta vidinha regalada que se disfructa actualmente. Em todos os campos da actividade social o bem-estar anda aos pontapés. E' tanto que até a gente o deita fóra.

Olhem, não é preciso irmos mais longe. Cá na classe por exemplo. Antigamente o jornalista andava esmagado sob o pezo terrivel dos assumptos importantes que tinha que tratar. Eram as leis para discutir; eram os politicos para criticar; eram as medidas de interesse publico para apreciar. E outras vezes então era a falta de assumpto. A terrivel falta de assumpto que interessasse o leitor, que valorisasse a gazeta, que desse nome ao jornalista. Emfim, um montão de coisas que tiravam o somno, estafavam o corpo e diluam os miolos.

Pois agora nada d'isto se dá. O jornalista é um felizado. Nem questões importantes para discutir, nem assumptos interessantes para arranjar. Está sempre tudo prompto sem incommodo de maior, porque a formula é uma só: dar vivas ao sr. Affonso Costa — a Elle, ao Grande; louvar o Borges, o Outro, o Immenso!

E' n'esta simples formula que tem de cingir-se todo o recheio jornalístico que não queira ser lançado no caldeirão nefasto do governo civil.

Que melhor vida se poderia ambicionar?

Que maior commodidade poderia desejar um jornalista, do que saber sempre o que ha-de dizer sem trabalho de estudo, de preparação de critica?

Um ideal, podem crer.

A gente chega á redacção, senta-se á mesa do trabalho e escreve tantos metros de vivas ao sr. Affonso Costa e de elogios ao Borges quantas são as columnas do jornal.

Isto tratando-se cá da classe, mas no resto é a mesma facilidade, o mesmo socego, a mesma deliciosa commodidade.

Aqui tem outro exemplo com a classe dos proprietarios. Nos tempos ominosos era um inferno. Calculos sobre os juros a tirar da propriedade, depois o emprego d'essas receitas, a sua administração, o desenvolvimento dos empregos organizados com esse capital, emfim, uma massada que fazia consumir a energia d'uma vida inteira. Pois agora nada d'isso. Tudo passou e foge-se com uma perna ás costas.

O proprietario não tem mais trabalho do que receber o producto da propriedade de que é detentor e levar-o á recebedoria do seu bairro. E não se preoccupa mais com o caso.

Digam-nos com franqueza: seria possível maior delicia? Maior bem-estar, livre de preoccupações, livre de sustos e d'incertezas?

E quantos mais exemplos semelhantes poderíamos apresentar. Até na vida intima da familia. Quando menos se espera — e sem trabalho algum — pode ficar-se pae... d'um qualquer cidadão ou cidadã que se lembre de entrar pela porta dentro com a lei da familia na mão.

O cumulo da surpresa, da economia e do asseio!

Pois por tudo isto e muito mais que nos abtemos de citar agora é que nós repetimos mais uma vez:

Quem hesita?

Quem duvida?

Quem se atreve ainda a refilar?

Pois se ha, que appareça e connosco se tem que haver.

## INGENUIDADES

Dizem por ahí as más linguas que o eminente chefe do governo e nosso prezado compadre e velho amigo Affonso Costa, assim que fechar o parlamento vae fazer muito maiores violencias á imprensa que não é da sua sympathia.

Pode ser que assim seja, mas pedimos licença para não acreditar.

O nosso compadre não é homem que se preoccupa com bagatellas, e o parlamento para o illustre Homem Publico é uma bagatella.

Não sejam ingenuos. Tenha ou não o parlamento aberto, Elle ha-de sempre fazer o que muito bem quizer.

E tudo o mais são cantigas, não é assim, compadre?

## "O THALASSA,"

Já está prompta a 3.<sup>a</sup> EDIÇÃO do nosso primeiro numero, que será remetido a todas as pessoas que nos enviarem a importancia de 50 réis.

Estão, portanto, satisfeitos os desejos de todos os agentes do *Thalassa*, que tão repetidas vezes nos pediram esta nova edição para satisfazer os constantes pedidos dos nossos prezados colleccionadores.

Encontrando-se tambem exgotadas as segundas edições dos n.ºs 2, 6 e 15 d'este semanario, prevenimos as pessoas que desejem adquirir-o a fineza de acompanhar os seus pedidos com a importancia de 50 réis.

O augmento de preço n'estes numeros é motivado unicamente pelas despezas das suas novas tiragens, que só assim poderão ser compensadas. De resto, todos que avalem bem os encargos d'uma empreza d'esta ordem, comprehenderão o motivo do preço excepcional que somos obrigados a fazer para as reimpressões dos numeros do *Thalassa* que se exgotaram.

## RESIGNE-SE...

O convicto Henrique abandonou a *enseada azul* para enfiar no *mar vermelho*, onde é natural que se afogue...

Como se vê, foi-lhe facil a mudança de côr, porém é com manifesta magua que diremos ao sr. Vasconcellos preto, que uma côr existe a qual elle nunca poderá trocar: é a sua...

## O QUE ELLES QUEREM

Um tal sr. Garção que escreve no *Mundo* e na *Capital*, diz que não acredita na sinceridade de nenhum monarchico em Portugal.

Está no seu direito, porque a asneira é de livre exportação. O que elles querem sabemos nós e vem bem explicado n'um artigoelho do *Mundo*, onde se lê:

"De resto, não são só os monarchicos do constitucionalismo que assim demonstram que não são monarchicos. Tambem os chamados monarchicos de antes quebrar que torcer, os monarchicos do absolutismo, tem procedido de forma a revelar a toda a evidencia a falencia das suas convicções. Já não são absolutistas, já não são miguelistas, já não são tradicionalistas, já não são nada. Esqueceram os privilegios da graça divina, a chamada causa da legitimidade, o sangue derramado, a proscrição do seu rei, a derrota dos seus exercitos. Pactuaram com o inimigo, que os feriu, que os humilhou, que os esmagou."

Comprehendem, não é verdade?

A desunião entre monarchicos, as rivalidades da questão dynastica novamente agiçadas, era o que muito lhes convinha.

Pois bom é que isto se registre para que certas pessoas leiam e pensem sobre o caso...

## NO VIVEIRO

Conta a *Provincia*, de Coimbra:

«O sr. Afonso Costa queixou-se, ás comissões que o foram consultar a Lisboa, da falta de frequência da faculdade de Direito e citou o caso de um affilhado seu que não estivera todo o ano lectivo em Coimbra mais de dez dias.

Ora, o sr. Afonso Costa nomeou:

José Tavares dos Santos e Silva, administrador do concelho de Oliveira de Frades, aluno do 4.º ano de direito.

José Gonçalves Cota, administrador do concelho de Gouveia, aluno do 2.º ano de direito.

Alberto da Cunha Dias, administrador do concelho de Loulé, aluno do 5.º ano de direito.

Mário Simões da Silva, administrador do concelho e official do registo civil na Pampilhosa da Serra, aluno do 2.º ano de direito.

Estevam de Oliveira, official do registo civil em Loures, aluno do 5.º ano de direito.

Tubarão Mendes, professor de instrução primaria em Verride, aluno do 2.º ano de direito.

Manuel Jacintho Tavares, admitido ao concurso para uma escola de Moncorvo, aluno do 5.º ano de direito.

Tem por isso o illustre presidente do conselho contribuido um pouco para a falta de frequência da faculdade de direito.

E' claro que os jornaes reaccionarios disseram logo coisas sobre o caso. Nós só temos que applaudir o nosso compadre Affonso pelas acertadas nomeações dos estudantes da Universidade.

Assim mesmo é que é. Caçal-os logo no viveiro enquanto são pequeninos.

## HA CADA MELRO!...

Da *Republica* de 18 de junho:

«O analphabeto não é, pela sua inferioridade relativa, um lópra, um pária ou um bandido; e o letrado das baixas classes sociais, diplomado apenas pelo recenseamento eleitoral, é muitas vezes desavairado e imoral, bastando-lhe para isso a leitura, por desgraça sua, de certos e conhecidos jornaes dissoventes.

Das baixas e das altas. Nós conhecemos cada marmello!...

## GIGANTES &amp; PIGMEUS

## GLORIAS DO PASSADO



CONSELHEIRO BARBOSA DU BOCAGE

Estadista, parlamentar, litterato e cientista. Era um sabio que bem honrou a sua patria.

## "GLORIAS,, DO PRESENTE



SOUZA JUNIOR

Auctor da lei dos morganhos, senador e... collega do Nónes.

## O QUE NOS DISSE O AMIGO JULIÃO

Os leitores estão certamente lembrados d'aquelle amigo Julião que o sr. Antonio José Banana d'Almeida teve em Coimbra, e que ha tres mezes, pouco mais ou menos, lhe entrou uma manhá em verbo pela porta dentro em duas longas paginas de papel commercial, dizendo o seu pensar.

Parecendo-nos que uma entrevista com o cidadão Julião estava naturalmente indicada para que elle nos dissesse tambem o seu pensar sobre o amigo Antonio José, mettemos hombros á difficil empreza e depois de muito trabalho conseguimos avistar-nos com o antigo companheiro do chefe evolucionista.

O amigo Julião, que, como os leitores já sabem pelo celebre artigo do sr. Antonio José Banana d'Almeida, é um caracter d'aço com modo de ser rectilíneo, recebeu-nos com aquella rude franqueza que lhe é peculiar.

Depois de declinar-mos o nosso nome e qualidade, começámos por lhe perguntar o que lhe parecia a attitude do seu lunatico amigo em face da presente situação politica.

— O Antonio José — começou o amigo Julião — sempre foi assim desde muito menino. A influencia do meio onde passou a sua infancia reflectiu-se sempre no seu organismo de sonhador.

— A influencia do meio, disse o sr. Julião. E que meio foi esse onde o chefe evolucionista passou a sua infancia?

— O de Farinha Pódre. Foi lá que o Antonio José nasceu, se baptizou e deu os primeiros passos na vida. Mas ha uma outra circumstancia que tambem muito influia no modo de ser do meu velho amigo. Quando era pequenino deu um trambulhão do collo da ama e amolgou a moleirinha.

— Desconheciamos esse pormenor.  
— Pois é muito importante.  
— Attribue portanto o sr. Julião a figura que o sr. Antonio José tem feito á... á... á... amolgadella do tóuico.

— Sem duvida. O trambulhão dado em creança havia fatalmente de ter as suas naturaes consequencias, pela entrada de qualquer porção de farinaceos pódras na moleira. Já em Coimbra o meu infeliz amigo deu provas d'isso. E é pena, porque de resto é um bello moço.

— Elle tem-lhe escripto ultimamente?  
— Sempre, com muita frequencia.  
— E conta-lhe os seus planos politicos?  
— Sim, costuma desabafar commigo. Ainda na penultima carta me contava a sua victoria no parlamento.  
— Victoria? Qual victoria?

— Era assim que elle lhe chamava. E dizia-me então: «querido Julião, se você me visse até se commovia. O Affonso tremeu da minha attitude e eu então, com pens d'elle, resolvi na sessão immediata passar á ordem da noite.» E parece que passou.

— Passou. Sobre esse ponto não ha duvida nenhuma. E' mesmo a unica

coisa em que o chefe do evolucionismo é habiilissimo: é em passar á ordem da noite. E sobre o seu projecto d'amnistia não lhe tem fallado?

— Tem. Diz-me que tenciona agora nas ferias parlamentares estudar um novo projecto para apresentar em Dezembro na camara, propondo a amnistia para os presos politicos que sejam cegos de nascença ou entrevados de mais de quinze annos.

— Que generosidade!  
— Elle coitado tem bom coração, lá isso tem, mas a pouca sorte é que lhe entrava quasi sempre nas suas iniciativas generosas.

— E' verdade. Já quando foi das balas e da agua-raz, elle mostrou ser um bom pequeno. E quando pensa subir ao poder?

— Sobre esse ponto mostra-se um bocado apprehensivo, porque já mandou perguntar tres vezes ao Affonso Costa se podia ter esperanças de lá ir, mas o chefe dos democraticos repondeu-lhe, depois de muito instado, que... se fôsse despir!

— Provavelmente por causa do calor.  
— Mas pode crer que é pena elle ainda não ter tomado conta da governação publica.

— Lá isso é. E o senhor certamente faz parte d'esse ministerio futuro, embora problematico?

— O amigo Julião, envergando a máscara sardonica, sorriu-se modestamente e, acompanhando-nos até á porta com o seu modo de ser rectilíneo, concluiu:  
— Sim... pelo menos em verbo!...

## PARA ONDE DEVE IR

Dizia a Republica n'um dos seus ultimos numeros:

«Consta ao Primeiro de Janeiro, do Porto, que, depois de encerrado o parlamento, irá o sr. Rodrigo Rodrigues, ministro do interior, governar a provincia de Moçambique. Ora, das Caldas da Rainha, mandaram-nos dizer lá pouco, que o governador civil de Leiria que, por sinal pretendia o logar, espalhava que sua ex.a, ia ser nomeado director do hospital e do balneario.

«Vê-se que é um intrincado problema, o destino do sr. ministro do interior. Tanto que, se a Republica fôsse um jornal humoristico, não teria duvida alguma em pôr a concurso entre os seus leitores, esta ponderosa questão:

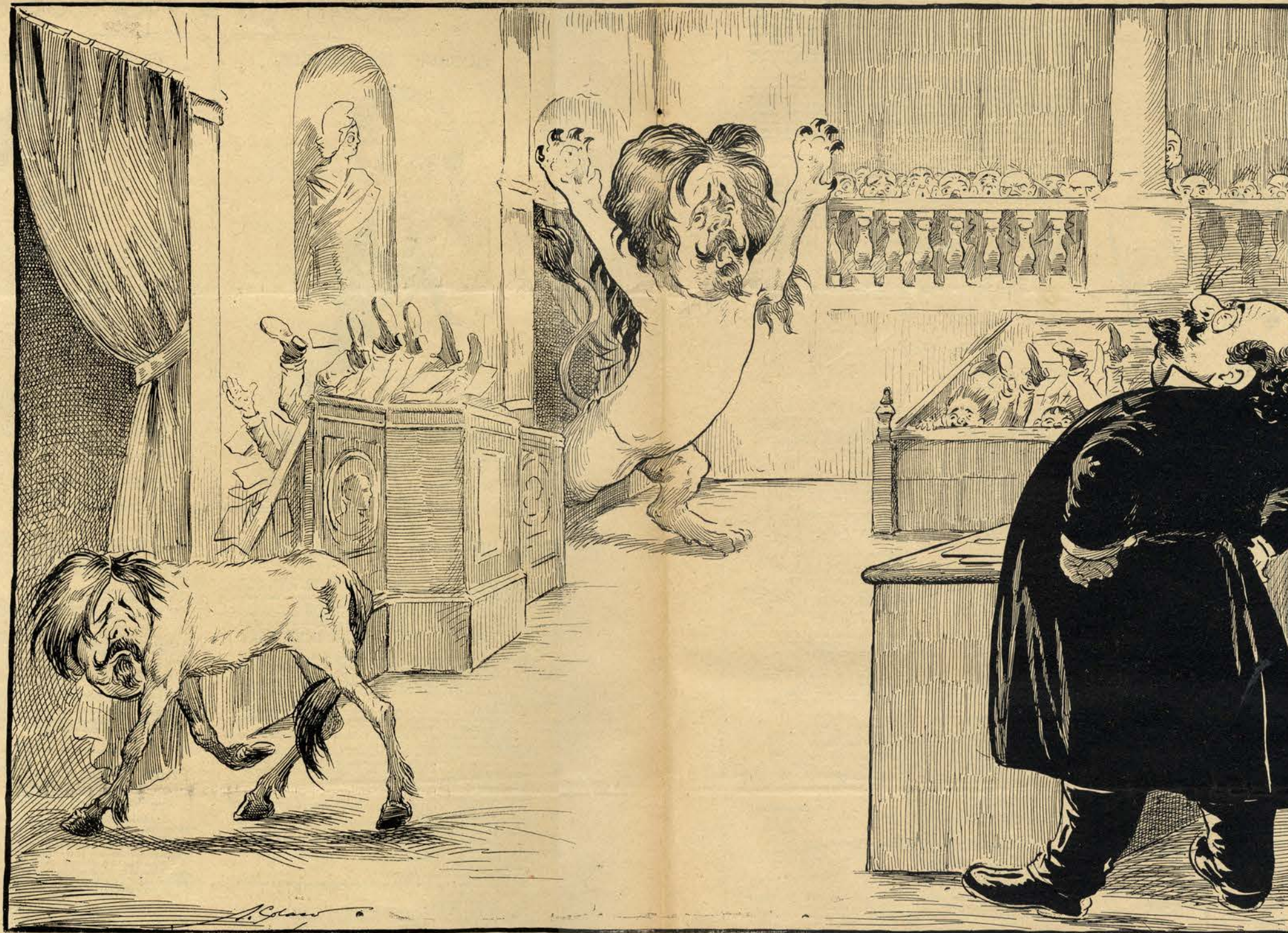
— Para onde deve ir o sr. Rodrigo Rodrigues?...

Pois collega evolucionista, cá fica aberto o concurso entre os nossos leitores.

— Para onde deve ir o sr. Rodrigo Rodrigues?  
Quasi que vamos jurar que S. Ex.ª é mandado por unanimidade para o mesmo local.

# O THALASSA

## SUPREMA MIZERIA!



Entradas de leão; saídas de sendeiro . . .

(S. Bento; sessões de 17 de junho de 1913)

## MEDIDA URGENTE

Para a qual chamamos a atenção do Czar Afonso



Senhor D. Afonso VII:

É inconcebível que todos os símbolos da néfaste realza não tenham ainda sido banidos d'esta florescente republica, como escalrachos damminhos que impetam o ar puro d'esta luminosa democracia. Entre todos existem esses que, pela forma de propaganda a que se prestam, ha muito já deviam estar substituidos convenientemente por maneira, não só a assegurar a consolidação do regimen, como tambem a deliciar os que n'esse divertimento encontram o prazer espirital das horas d'ocio. Referimo-nos, Senhor, ás cartas de jogar, onde ainda as figuras ominosas dos reis, das damas, dos valetes e dos azes, recordam as horas crapulosas e jesuíticas que a aurora libertadora para sempre baniu.

Mal se comprehende como nos baralhos ainda se consintam, com menospzo pelos sentimentos dos bons e dedicados patriotas que, á custa de tanto sacrificio, abnegação e desinteresse, transformaram esta terra escravizada pela tyrannia da seita negra n'um povo soberano feliz, prospero e respeitado, aquellas figuras odiadas com os seus reis d'olhar feroz e inquisitorial, as suas damas de rosto libertino, os seus valetes degenerados e os seus azes ominosos.

A vossa muita benevolencia, Senhor, não pode ir tão longe, porque toda a magnanimidade tem uma meta, além da qual ninguém pode ir sem graves prejuizos para a tranquillidade publica.

Como poderão os bons republicanos pegar nos baralhos crapulosos e fazer vasas com as suas cartas, sem se sentirem vexados, humilhados, escravizados pelas figuras detestadas que tem de manusear?

Ah! sr. D. Afonso VII, não consintam em tal. E lembrae-vos que, além da affronta insupportavel que a permanencia de taes desenhos representa para os sentimentos democraticos, elles são factores da propaganda clandestina que faz babar de gozo a alma generosa da thalassaria paivante, canastrona e traidora.

Urge pois reparar sem demora esse mal, substituindo as figuras realengas por vultos dos mais eminentes da politica luminosa. E então sim! Então todo o bom republicano jogará o burro, cheio de legitimo orgulho e satisfação, com o Rei de Espadas, onde a vossa figura brilha cheia de liberdade, egualdade e fraternidade, com o valet de ouros do sr. Antonio Macieira, orgulho da diplomacia mundial, ou ainda com o az de copas devidamente symbolizado na pessoa d'esse espirito aberto a todos os progressos, que só elevam, Manuel Brito Camacho!

Então quer na bisca, quer na manilha, quer no monte ou em qualquer outro jogo, a ideia mais uma vez triumphará emancipadora, radiante e bella.

Estando que esta medida de tão urgente necessidade seja immediatamente posta em execução, temos a honra, Senhor, de vos apresentar alguns modelos para os novos baralhos democraticos.

## NORTADAS

O sacco de S. Ex.<sup>a</sup> ...

Não julquem que vou falar  
D'um sacco reles, safado,  
Saco d'estopa vulgar,  
D'um sacco muito encebado,

Pois nunca serviu de estofo  
A barril d'aqueiro,  
E' sacco que cheira a mofo?  
E' um saquinho brejeiro?

Não, senhor's, não pensem tal!  
O sacco de que vos falo  
E' um sacco original,  
E' um saquinho d'estalo!

Que só recolhe com'smero  
Productos int'lectuaes  
Do presidente sonoro,  
Do auctor das Cultuaes!

Não é sacco perfumado  
Como o sachet sovacal,  
E' sacco verde-encarnado,  
E' um sacco radical!

E' sacco de phantasia,  
Que provoca congestões,  
Que tem causado arrelia  
Para muitos thalassões!

Que vomita leis a esmo,  
Leis á sorte, leis de graça,  
Que deixam feito em torresmo  
Todo o mortal que é thalassa.

Leis que até dão vida aos mortos  
E que matam quem tem vida,  
Que fazem processos tortos  
P'ra detender a sahida ...!

Como não ha mais notavel,  
Que tenha mais evidencia,  
Nem nada mais invejavel,  
Que o sacco de S. Ex.<sup>a</sup>!

E' um sacco myst'rioso  
Que só dá e não recebe ...  
E' um sacco caridoso,  
Não sei se o leitor p'recebe ...!

Até já deu *peixe-espada*,  
Que é como quem diz chanfalho,  
N'essa turba desgraçada  
Que anda morta de *trabalho*!

Inda lá tem mil decretos,  
Que fazem doido um mortal,  
Todos com termos concretos,  
Peor's que o da *predial*!

Com travão e sem travão,  
A' vontade do freguez,  
E devem, que decepção!  
Sahir todos n'um mez!

Imaginem, qu'inclemencia!  
Não ha peor, isso juro!  
Se no sacco de su'x'encia,  
Não houver quem dê um *furo*!

Aquillo já não é sacco,  
E' uma saca sem fundo,  
E' adegá do Bussaco,  
E' o paiz, é o *Mundo*!

E no fim de tanta lei,  
De feitos tão importantes,  
Quem duvida elle seja rei?  
Entes insignificantes!

Homens que *nem sabem ler*,  
Como o Moreira d'Almeida,  
Que não podem compr'hender,  
Aquella especie d'encida!

A ponto de já tremere  
Como qualquer *Inbarão*,  
E de tudo the off'recerem  
Té chegar á *conversão*?

Entfim, são modos de vér!  
Basta um gesto d'eloquencia  
P'ra tudo desaparecer  
No sacco de S. Ex.<sup>a</sup>!

D. Pengrenellas.

## PORQUE SERIA

Temos recebido grande numero de cartas e bilhetes postaes perguntando-nos a razão porque foi apprehendido o nosso ultimo numero.

Olhem, ex.<sup>mos</sup> amigos, se quizerem saber ao certo a razão, dirijam a sua correspondencia para o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Afonso Costa, Ministerio das Finanças, Lisboa. E quando tiverem a resposta, obsequiem-nos muito, elucidando-nos sobre o caso.

Nós estamos em jejum natural sobre o assumpto.



**O THALASSA**  
TUDO VÊ  
TUDO SABE  
TUDO INFORMA

Pergunta-nos um leitor se sabemos onde pára aquelle celebre projecto d'ammnistia do muito sympathico estadista sr. Antonio José Banana d'Almeida. Ora que pergunta! Está dormindo o somno dos justos na presidencia da Camara dos Deputados. Então onde queria que parasse?  
Rico Antonio Zé! Se não existisses era preciso inventar-te para delicias das gentes macambuzias.

O nosso mui querido amigo e illustre estadista dr. Affonso Costa, declarou na Camara que o Governo ainda não está habilitado a responder ás notas d'interpelção que lhe foram enviadas sobre as apprehensões de jornaes, porque não julga o momento opportuno para tratar de taes assumptos.  
E' claro! O momento só é opportuno para apprehender e tudo o mais são cantigas da malta.  
Viva o sr. dr. Affonso Costa!  
Viv6666!!...

A gazeta de que é proprietario o Sr. Grandella, chefe o Sr. Affonso Costa e director o Borges, diz que a desunião entre os republicanos é... *pró forma*. Camaradas! Até dá gosto lembrar-se a gente que tudo quanto o Sr. Theophilo disse dos diplomatas republicanos, e o Sr. Brito Camacho e Antonio José d'aquelle e este respectivamente dos dois foi... *pró forma*.  
Ainda bem, principalmente por causa da historia da Maria do Pauzinho.

Pergunta o mimoso orgão da manhã do grande Cezar:  
«Então que querem elles os corvos da força miguelina e de corrupção modelar do ultimo regimen? A que lhes... cheira?»  
Oh!e, isso é conforme. Se o vento estiver das bandas de S. Roque, cheira a margaridas. Agora se estiver batido do Calhariz, então cheira a... pia.

O Czar Affonso nomeou para o logar de professor d'instrução primaria em Verride, um estudante chamado Tibarão Mendes. Este ao menos já traz no nome a profissão que escolheu.  
Tem a vantagem de ser mais sincero.

Este bocadinho é ali do orgão de S. Roque:  
«Ninguém ha em Portugal n'este historico momento que não reconheça a moralidade da administração republicana.»

Ora! Mas para que é que o sympathico Borges se ha-de estar a cansar com estas coisas?! Nem se discute. Paivantes d'uma figa que não fazem senão falar do caso Hinton e da questão de Ambaca só para enervar a marcha gloriosa dos salvadores!...

Outro bocadinho da mesma conspícua gazeta:  
«Averiguado está igualmente agora que a Republica salvou o paiz, arrancando-o do abismo que a monarchia, durante largos annos, criminosamente cavou para sepultura da nacionalidade.»

Tal qual! Mas devemos todos fazer votos para que o doente não morra da cura.

Anuncio publicado no *Diario de Noticias*:  
«Deseja quarto fixo, senhora, onde haja educação, seriedade e socego. Carta ao n.º 93.»

Que diacho de desejo tão exquisito! Quarto fixo! O que será? Quanto a educação é melhor fallar com o *Homem da Bola*.

Escreve-nos o Sr. O. R., do Porto, dizendo muitas cousas nefastas (livra!) e terminando por lamentar que o Borges de S. Roque não seja cidadã em vez de cidadão para poder casar com o sr. Affonso Costa e ficar assim a obra mais perfeita.

Cruzes! Não diga isso, creatura. Imaginem o que seriam os productos d'uma tal união!  
Era de fugir espavorido.

O Sr. Camillo Rodrigues, que ha dias cantou-as tezas no parlamento, disse o seguinte:

«Não sabe que triste calamidade cahiu sobre este desgraçado povo. Olha para os despotas que nos governam, mas nem sequer encontra n'elles a grandeza dos verdadeiros tyranos.»

E' porque estes ainda estão pequeninos. Deixe-os crescer e verá... o que é grandeza!  
Olhe para o Czar e veja o que são progressos! Até parece que andou no collegio com o Nero.

O adhesivo Camões ficou soffrendo dos intestinos, após as lindas festas em sua honra. Consta ter sido origem d'esta indisposição o impingirem-lhe por brebre um Ruim Coelho...

## PLEBISCITO

### QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NÓNES,,?

Senhores, tomem nota: eu tambem quero,  
Com muito pouca graça, por desgraça,  
Ao plebiscito aberto no *Thalassa*,  
Ser dos concorrentes o mais austero.

Os *nónes*, qualquer *nónes*, assevero  
Que a craveira do *Nónes* nunca passa.  
Só uma Gran-mestre *escama*, de Alco-  
baça,  
Mais duro de que um Cesar, como um  
Nero.

Qual Cesar, nos discursos de aber-  
tura...  
Da sua loja, feita parlamento,  
Com navalha e tezuoras á mistura.

E qual Nero, de fogo tão violento,  
Que nos esfola em casa, com tesura,  
E em Lisboa, nas Côrtes de S. Bento?

K. CETTE.

E' Nones por ser o *nunes*  
Em se atirar de cabeça  
Se a coisa caminha avessa  
E ninguem quer abrir bico!  
E' Nones, pois foi o *nunes*  
D'aquelles que não sahiram  
Quando os collegas fugiram...  
O Celérico!

JUPITER.

Meus senhores: sempre a verdade,  
A verdade acima de tudo...  
Querem um *Nónes* a valer  
E õco como um canudo?

Pois, então não busquem mais.  
Ahi o teem: O «Gerimano»,  
«O Burro do Senhor Alcaide»...  
Vale 14 contos por anno!

UM TRIFEIRO THALASSA.

PANCRACIO.

## AS CONVICÇÕES

Recorda um jornal d'Aveiro que uma gazeta d'aquella cidade, que actual-  
mente é toda Affonso Costa, escreveu em tempos:

«Por que o sr. D. Manuel II prossegua conquistando novos louros, firman-  
do no amor do povo os alicerces do seu trono, são os nossos, são os mais sin-  
ceros votos de toda esta região da beira-mar.

Mais uma vez e em nome do prestigioso grupo politico que nos honramos  
de representar na capital deste districto, bradamos a toda a força do nosso en-  
tusiasmo e das nossas convicções:  
Viva El-Rei!

Mas como o Rei D. Manoel foi viajar, resolveram, para entreter as convic-  
ções... do estomago, bradar a toda a força do seu enthusiasmo, viva o sr.  
Affonso Costa. Não chegam a causar nojo porque provocam simplesmente  
vomitos.

## THEATROS

**Republica.** — E' o acontecimento sensacional, a nova revista *De capote e lenço*. E' que ha muito tempo não apparece uma revista com tanto espirito, com tão lindas scenas, grupos de coristas, luxuoso guarda-roupa, deslumbrantes apoteoses e magnifico desempenho.

**Trindade.** — Todas as noites está obtendo verdadeiras enchentes, a ponto de uma parte das pessoas que procura bilhetes, se vêr na necessidade de retirar. Como se vê, é em toda a linha o successo da peça *O fim do mundo*.

**Apollo.** — Reabriu as suas portas com a *Tosca*, desempenhando a distincta actriz Palmyra Torres o papel de *Flora*, Henrique de Albuquerque o de *Mario Cavaradossi*, e Leopoldo Froes, de quem é a *mise-en-scene*, o de *Scarpia*.

**Avenida.** — Marcha triumphalmente a companhia dos petizes, no Avenida.

As enchentes succedem-se. Preços baratos, boas peças, optimo desempenho e lindos scenarios, guarda-roupa e adereços. Uma maravilha!

**Esplanada Ribamar.** — Tem sido concorridissimos os concertos ao ar livre, seguidos de *films* animatographicas, que a Empresa Barboza & Pressier, inaugurou na semana ultima no Palacio do Conde de Cabral a Ribamar.

Na vasta esplanada, temos notado todas as noites desusada concorrência, sendo este o rendez-vous futuro, estamos certos, das familias da nossa Sociedade. O serviço de restaurant fornecido na magestosa sala do 1.º andar, é soberbo, ouvindo-se bella musica durante o jantar.

## ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

**Terrasse** — Rua Antonio Maria Cardoso.

**Olympia** — Rua dos Condes.

**Trindade** — Rua da Trindade.

**Central** — Avenida da Liberdade.

# FOGUEIRAS DE S. JOÃO



Tanto saltei que queimei... os fundilhos